

# **ENCANTAMENTOS**

**KATHRYN HARRISON**

Traduzido do inglês (EUA)  
por J. Teixeira de Aguiar

## O buraco no gelo

Olhai: No princípio existia tudo, tal como agora. O golpe tremendo de um trovão e chovem serpentes falantes.

Uma luz maior para reger o dia, uma luz menor para reger a noite, água caudalosa e ar inquieto. Um homem assenta ambos os joelhos em terra, uma mulher abre as coxas e ambos sustentam a respiração para escutar. Imaginando que os passos de Deus se podiam ouvir na frescura do dia. Mas Deus caminha em silêncio pela margem do rio lodoso que vem do Jardim, o rio que se divide e se torna muitos: o Usa, o Kolva, o Yug, o Onega. O Narva, o Obscha, o Luga, o Okhta. O Volycha, o Sestra, o Uver, o Oyat. O Volga, o Kama, o Neva, o Ob.

Das janelas da casa que era o lar da minha infância eu ouvia um rio correndo. O Tura cruzava velozmente a nossa aldeia para desaguar no Tobol, e o Tobol desagava no Irtysh, e o Irtysh desagava no Ob, e o Grande Ob levava os nossos gritos e vazava-os no mar de Kara, que, por estar gelado, os conservava como moscas em âmbar.

– Continua – dizia Alyosha sempre que eu me calava.  
– Por favor, Masha, gosto de ouvir a tua voz.

E eu assim fazia; falava-lhe do meu pai, de mim, da Sibéria. Contava-lhe histórias que o meu pai nos contava em crianças. Fazia todos os possíveis por distraí-lo.

No dia em que retiraram o corpo do Pai de baixo do gelo, o dia de Ano Novo de 1917, a minha irmã, Varya, e eu fomos confiadas à tutela do czar Nicolau Alexandrovich Romanov e transferidas, sob escolta imperial, do apartamento do número 64 da rua Gorokhovaya para o Palácio de Alexandre de Tsarskoe Selo, a aldeia privativa da família real, nos arredores da capital. Aos dezoito anos de idade, não me parecia propriamente que precisasse de novos pais, mesmo que eles fossem um czar e uma czarina. Mas cada semana trazia mais greves e violência acrescida a S. Petersburgo. Revolução, anarquia, lei marcial: não sabíamos o que temer, mas apenas que avançávamos aceleradamente – arremetíamos – em direção ao que temíamos. E, como salientaram os oficiais do czar, depois de nos arrancarem da cama, a Varya e a mim, antes do alvorecer, batendo ruidosamente à porta com as coronhas das espingardas, quem tivesse um apelido tão incendiário como Rasputine só por idiotice tentaria sair de S. Petersburgo sem ajuda nem proteção. Enquanto permanecessem no poder, os Romanov representavam a nossa única possibilidade de fugir da Rússia antes que fosse demasiado tarde.

Mas vamos por partes: o meu pai. Porque sem Grigory Yefimovich Rasputine, o fim dos Romanov não difere do dos Habsburgos ou dos Otomanos ou de qualquer outra das grandes dinastias que soçobraram no princípio do século.

A notícia correu célere, mais célere do que correria caso o corpo retirado do rio pertencesse a qualquer outro homem. Depois de eu assinar um documento a confirmar que o morto era de facto o meu pai, que estava desaparecido há três dias, a escolta policial conduziu-nos de novo a Varya e a mim à rua Gorokhovaya a fim de recolhermos as roupas e as poucas coisas que nos importava conservar. Antes de podermos regressar ao trenó, porém, este foi cercado pela turba. Um mar de gente viera a correr ao local onde estivéramos minutos antes,

no rio gelado. Tinham vindo de suas casas com taças, canecas e chaleiras de ferro fundido: tudo o que pudesse conter água. Alguns corriam em direção ao Neva, despejando vinho e vodka e até perfume nas sarjetas, a fim de encherem as suas garrafas recém-esvaziadas. Vi um samovar tão grande que eram precisos três homens para o transportar; vi uma velhota a arrastar um bacio. Bem, a cena teria feito o Pai rir a bandeiras despregadas até soltar urros e enxugar os olhos com as costas da mão: a ideia de uma velha encarquilhada a transvasar o seu espírito para um bacio.

A multidão engrossou em direção ao rio como uma onda e arredou todos os funcionários do buraco no gelo, aquele de onde a polícia retirara o meu pai, espancado e ensanguentado, com a mão direita levantada como se estivesse a fazer o sinal da cruz. As pessoas amontoavam-se à volta do buraco. Caíam de joelhos, rezavam e choravam. As pessoas vulgares, as pessoas que o meu pai amava, compreenderam sempre o que a intelectualidade era demasiado cega para ver. Queriam a água que tocara o meu pai ao morrer, a água para a qual a sua alma passara, na qual nadara.

Milhares de pessoas, dezenas de milhares – à medida que continuavam a chegar, os funcionários perderam-lhes a conta – vieram ao Neva nesse dia e no dia seguinte e no que lhe sucedeu. Chegavam e não paravam de chegar, vindas de todas as partes da cidade e das vilas e províncias distantes. Vinham de além dos Urais, da Sibéria. Nada conseguia detê-las, nem as tempestades de neve nem os soldados de cavalaria. Esquadras de cossacos a cavalo apontavam e disparavam sobre a multidão; as suas nervosas montadas empinavam-se e davam novamente com os cascos em terra e as ferraduras despediam faíscas nas pedras da calçada, pálidas alfinetadas na gélida escuridão.

Por muitos cavalos que já tivesse montado, nunca vira nenhum tão feroso como estes. Gigantes negros altaneiros,

nenhum com menos de vinte mãos de altura, não se intimidavam com o barulho e com o caos – não, era isso que queriam, uma orgia de movimento e som. O brilho escuro da pelagem de cada animal; o volátil estremecimento da sua pele ao reagir ao desígnio do cavaleiro, não às suas mãos, as quais estavam ocupadas com uma arma de fogo, mas à sua vontade, que dominava o corpo do cavalo como se fosse o seu; as narinas que se dilatavam amplamente ao cheirar a pólvora; o estridente relinchar e a intensa cintilação de cada casco: num instante, a visão, o som e o cheiro deles desbastara, qual lâmina afiada, o estado de choque que, na sequência do desaparecimento do meu pai, me deixara insensível a todo e qualquer sentimento.

Observei, imobilizada de espanto, que o ar à volta dos cavalos mudava de cor, como o aço posto sobre uma chama, roubando-lhe o calor. O oficial cujos dedos enluvados cingiam fortemente o meu antebraço deu-lhe uma sacudida, como que para dissipar o que lhe deve ter parecido ser o meu medo. Mas tratava-se apenas de eu sucumbir a eles, permitindo que o seu desejo me possuísse a ponto de eu o querer também – o amarfanhamento e a submissão de corpos debaixo dos cascos. Depois o clamor à minha volta cessou, todos os ruídos e gritos e estalidos agudos convergiram em palavras que só eu podia ouvir, e a voz do meu pai pronunciou o meu nome. *Masha*, disse ele, *consola-te*, e apesar de eu não ser fraca, tombei para trás, de modo que o oficial teve de suportar o meu peso. Houvera por fim alguma coisa que me atingira e me trespassara, que me fizera ofegar. Até esse momento, eu rezeira ter perdido não só o meu pai, como também a minha própria pessoa.